

Resumos literários devem complementar leitura

Sinopses comentadas dos livros recomendados pela Fuvest para o vestibular 96 podem ser encontradas nos cursinhos e nas principais livrarias da cidade a partir de junho

RONALDO ALBANESE

Como grande parte dos candidatos a vestibular, Ernesto de Matos Nogueira, 17 anos, estudante do 3º colegial do Dante Alighieri, destesta ler qualquer tipo de obra literária. Nogueira, que no final do ano vai concorrer a uma vaga de medicina, está preocupado com as provas de literatura. Afinal, assim como para a maioria de seus colegas, ele nunca se preocupou, a não ser por obrigação, conhecer obras de autores como Machado de Assis e Graciliano Ramos, dois dos dez escritores que fazem parte da lista de livros considerados essenciais para os candidatos ao vestibular Fuvest 96.

Sem paciência para se concentrar

na leitura das obras — ele prefere tocar guitarra, praticar taekwondo ou ficar horas diante do computador —, Nogueira não tem a menor dúvida em afirmar que é favorável a qualquer alternativa que o dispense de ler os textos inteiros. “Se tiver um filme, peça de teatro ou vídeo que substitua o livro, vou achar muito bom.” Mas, neste ano, só lhe resta a opção de usar os resumos comentados das obras, em geral adotados pelos cursinhos e também disponíveis nas principais livrarias. “Ainda bem que alguém pensou em facilitar a vida da gente”, comemora.

A questão, no entanto, não se resolve tão rapidamente como Nogueira e sua turma imaginam. O problema fica um pouco mais complexo e

polêmico quando se trata de analisar a eficiência e até mesmo a pertinência desse tipo de “facilitador”, principalmente para candidatos a uma vaga em vestibulares considerados mais exigentes e rigorosos como os da Fuvest e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Resumos — “Estão enganados os que supõem que apenas o resumo de uma obra de arte literária substitua sua leitura completa”, afirma a professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) Maria Thereza Fragga Rocco, que há 18 anos estuda os vestibulares da Fuvest. Ela é totalmente contrária à idéia de afastar o aluno do que considera “uma das grandes oportunidades de o jovem entrar em

contato com o fato artístico, estético, que amplia horizontes, enriquece e é imprescindível quando ele vai demonstrar seus conhecimentos na hora de ser selecionado”.

Segundo diz, as bancas examinadoras de vestibulares sérios estão cada vez menos interessadas em destacar candidatos que apenas tenham a capacidade de reproduzir os detalhes do enredo de uma obra, devolvendo informações automaticamente. “A partir daí, só se pode concluir que essas facilidades não passam de grandes engodos”, afirma. “Além de promoverem lucro para as editoras especializadas em livros do gênero, vendem a ilusão de que, apenas com aquele recurso, o aluno terá sucesso.” Maria Thereza ressalta, porém, que qualquer alternativa que venha se somar à leitura é bem-vinda. “Nada contra adaptações das obras realizadas tanto pelo cinema quanto vídeo ou teatro, desde que não sejam encaradas como substituição do texto escrito.”

Alternativa — Apesar de admitir que os resumos comentados podem agir como um fator de desestímulo à leitura, a professora Célia Passoni, coordenadora da área de português e literatura do Etapa Vestibulares, defende o uso de alternativas como essa para os candidatos ao vestibular. Célia, que também é gerente de publicações da Editora Nucleo, uma das que produzem livros com sinopses das obras indicadas pela Fuvest e Unicamp, garante que as alternativas foram criadas, principalmente, para diminuir a sobrecarga de trabalho que o estudante terá de enfrentar no ano de vestibular.

“Para o jovem de hoje, a maioria pouco disciplinada, não é fácil conseguir tempo e disposição para ler todos os livros”, diz. Ela se refere em especial às dificuldades que observa em estudantes que, segundo diz, vêm de colégios que não estimulam o hábito à leitura. “É claro que o ideal é mesmo o contato direto com a obra”, afirma. “Caso não seja possível, não vejo problema em lançar mão dos resumos, que são bem completos e não se limitam apenas em condensar histórias”, garante.

NOGUEIRA:
“SE TIVER UM
FILME VOU
ACHAR BOM”



Maria Thereza: ‘Essas facilidades não passam de grandes engodos’

Edu Garcia/AE